

O clima apocalítico em *V for Vendetta*: problematizando a década de 1980

Felipe Radünz Krüger¹

Resumo: *V for Vendetta* é uma *graphic novel* criada pelos ingleses, Alan Moore e David Lloyd, publicada pela primeira vez em 1982 na Inglaterra. O presente trabalho tem como objetivo problematizar o clima apocalíptico presente no objeto escolhido. Para isso, contrastamos as opiniões de dois importantes historiadores ingleses marxistas: E.P. Thompson e Eric Hobsbawm. Thompson mostra-se profundamente engajado na causa pacifista. Certamente, seu objetivo era tornar evidente uma preocupação com uma possível guerra nuclear, utilizando sua abrangência enquanto historiador e cientista social. Por conseguinte, suas obras possuíam cunho mais político que acadêmico. Em contrapartida, Eric Hobsbawm mostra-se cético em relação ao momento de crise que ambos estavam vivenciando. Em seus textos, temos uma postura contrária aos acadêmicos que tentam prever o futuro. A percepção de diferentes opiniões sobre a situação e reverberação de uma corrida armamentista não retira a evidência de que o foco das discussões não é meramente um pretexto, mas sim uma preocupação cotidiana que torna claro o espírito de uma época. Nesse sentido, temos duas visões opostas sobre a situação das relações internacionais entre EUA e URSS, porém igualmente ricas, podendo ainda gerar grandes debates.

V for Vendetta é uma *graphic novel* criada pelos ingleses, Alan Moore e David Lloyd, publicada pela primeira vez em 1982 na Inglaterra. O presente trabalho tem como objetivo problematizar o clima apocalíptico presente no objeto escolhido. Para isso, contrastamos as opiniões de dois importantes historiadores ingleses marxistas: E.P. Thompson e Eric Hobsbawm.

A percepção de diferentes opiniões sobre a situação e reverberação de uma corrida armamentista não retira a evidência de que o foco das discussões não é meramente um pretexto, mas sim uma preocupação cotidiana que torna claro o espírito de uma época. Nesse sentido, temos duas visões opostas sobre a situação das relações internacionais entre EUA e URSS, porém igualmente ricas, podendo ainda gerar grandes debates.

¹ Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), mestrando e bolsista Capes; feliperadunz@gmail.com.

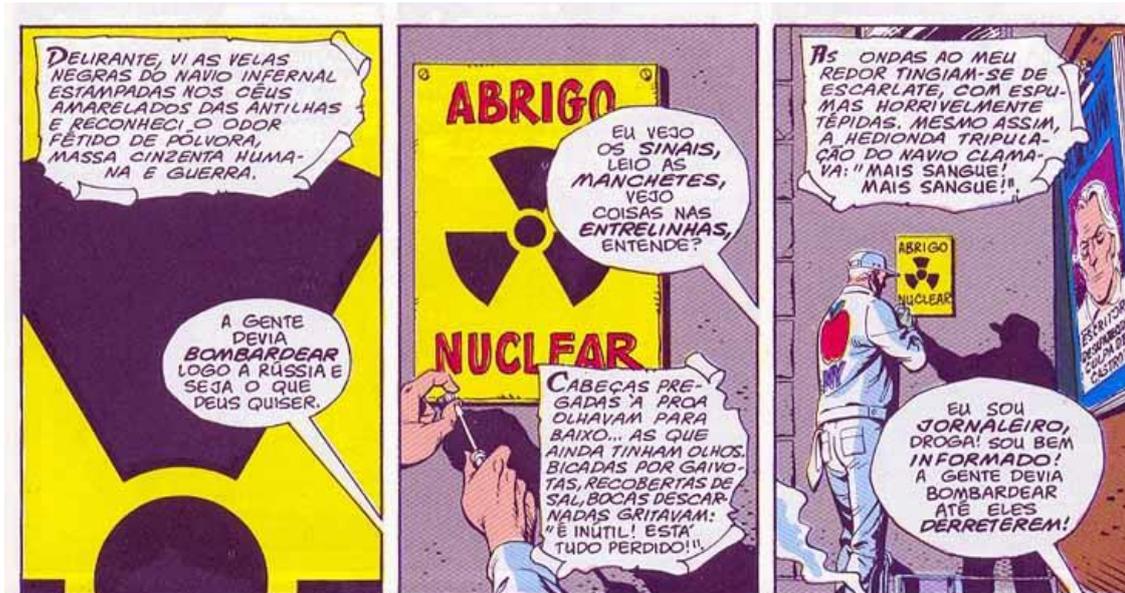


Figura 01 - Exterminismo em *Watchmen* - Fonte: *Watchmen* edição 03, p. 01

Após a leitura do fragmento da obra *Watchmen*², a atmosfera característica da década de 1980 fica evidente. A carga simbólica da radioatividade é capaz de fazer qualquer indivíduo dar um “passo atrás”, ou, como no exemplo, proporcionar abrigo para a possível guerra nuclear. Outro aspecto interessante são as falas nos balões, as quais pertencem a um jornalista, segundo ele, “muito bem informado”, e que anseia pelo bombardeio à União Soviética.

Os três enquadramentos apresentados como epígrafe são capazes de fornecer uma interpretação da atmosfera característica dos anos 1980? Ou trata-se apenas de uma história em quadrinhos, e devemos ignorar o seu potencial histórico e informativo? Partindo da noção de que a “história” só é acessível por meio da linguagem e de que os discursos históricos pouco diferem das narrativas literárias, pois os dois apresentam relatos interpretativos sobre uma realidade passada (WHITE, 1994, p. 21), acreditamos que as imagens/texto das *graphic*

² *Watchmen* é uma *graphic novel* escrita por Alan Moore e ilustrada por Dave Gibbons, publicada originalmente em doze edições mensais pela editora estadunidense DC Comics entre 1986 e 1987. A história tem como pano de fundo os EUA de 1985, onde os super-heróis realmente existem, além disso, enfrentam problemas éticos e psicológicos devido aos seus poderes e sua interferência na sociedade. O contexto político é o da Guerra Fria, em vias de um conflito armado entre União Soviética e EUA. É vista até hoje como um marco não só dos quadrinhos, mas também da literatura. Vencedora de diversos prêmios, incluindo Eisner, Prêmios Kirby e Hugo. Para saber mais sobre a relação de *Watchmen* e história ver: KRAKHECKE, Carlos André. IN TESIS: Representações da Guerra Fria na História em Quadrinhos Batman - O Cavaleiro das Trevas e *Watchmen* (1979-1987). Porto Alegre: PUCRS, 2009. Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2278; e RODRIGUES, M. Representações políticas da Guerra Fria: as histórias em quadrinhos de Alan Moore na década de 1980. Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

*novels*³ e HQs constituem uma fonte riquíssima para a análise da década de 1980 e, no decorrer do presente subitem, esboçaremos a sua possível relação com o temor causado pelo investimento em material bélico.

Nessa perspectiva, iremos apresentar e debater algumas discussões relacionadas à atmosfera de medo causada pelo desenfreado investimento em material bélico-nuclear das duas potências, Estados Unidos e União Soviética, característicos da Guerra Fria no período abordado. Para isso, utilizaremos o arcabouço teórico de Eric Hobsbawm (2001), E. P. Thompson (2001), entre outros autores da historiografia.

Nossa fonte principal é a *graphic novel V for Vendetta* publicada pela primeira vez na Inglaterra pelo selo *Warrior* em 1982, e finalizada no ano de 1988, em que foi publicada, nos Estados Unidos da América, pela editora *DC Comics*⁴.

A década de 1980 caracteriza-se como um período delicado no âmbito das relações internacionais. As potências - União Soviética e Estados Unidos - munidas de arsenais bélicos capazes de “pulverizar” uma boa parte do globo, não mantêm relações amigáveis entre si. Logo, esse conturbado relacionamento irá influenciar em diversos âmbitos da sociedade e da cultura, inclusive, na produção historiográfica e na das HQs, focos do estudo aqui proposto.

Para E. P. Thompson, no artigo “Exterminismo e Guerra fria: o estágio final da civilização” (1985), a situação era muito frágil e o perigo, iminente. A detonação poderia ser acionada por acidente, por erro de cálculo, pelo inchamento implacável da tecnologia armamentista, ou por um súbito jato quente de paixão ideológica (THOMPSON, 1985, p. 16). Nesse viés interpretativo, a situação promovia atitudes extremistas e pessimistas, restando apenas a saída a partir da causa pacifista e a tentativa de se obter, pela reflexão, uma tomada de consciência sobre os fatos.

Thompson apresenta alguns dados⁵ sobre os arsenais bélicos que cada nação possuía durante a Guerra Fria: “Os arsenais rivais dos EUA e da URSS contavam com 6500 armas nucleares importantes em 1960; com 14200, em 1979; e, mesmo no esquema de jogo SALT II, chegarão a cerca de 24000 armas estratégicas em 1985” (Ibidem, p. 21). Além dos dados que demonstram o crescimento vertiginoso do investimento em tecnologias de guerra, o autor

³ Termo popularizado por Will Eisner, *graphic novel* (romance gráfico) é um livro que normalmente conta uma longa história através de arte sequencial (ou História em Quadrinhos - HQ). Sua utilização se faz necessária para diferenciar as narrativas mais longas e complexas dos Quadrinhos comerciais e infantis. Sobre essas questões ver mais em EISNER, W. Quadrinhos e arte Sequencial. 3 ed.. São Paulo. Martins Fontes, 2001.

⁴ DC Comics é uma editora norte-americana de histórias em quadrinhos e mídia relacionada, sendo considerada uma das maiores companhias ligadas a este ramo no mundo.

⁵ Para mais dados ver: VIZENTINI, P. G. F. Da Guerra Fria à Crise: Relações Internacionais do Século 20. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1996, 3º Ed.

acredita que as armas são coisas, pois elas e seus correspondentes sistemas de sustentação parecem crescer com uma consonância própria, como se dotados de uma vontade independente. Nesse sentido:

As armas e os sistemas de armamentos nunca são politicamente neutros. Quando os conquistadores europeus armados de mosquetes se encontraram com as tribos indígenas armadas de arco e flecha, a política da questão seria determinada pelo cano de suas armas. Se os colonos tivessem apenas arco e flecha, estes lhes imporiam a política do cachimbo da paz e da negociação (Ibidem, p. 25).

Nessa abordagem, o investimento em armamentos sempre teve importância diplomática, todavia Thompson alerta que, durante a década de 1980, esse investimento se tornou irracional, não existia controle, uma vez que o armamento tinha a capacidade de fazer ambas as potências desaparecerem da face da Terra.

Pela visão do autor, podemos vislumbrar o espírito da época, visto que as reflexões estão imersas em uma crítica a seu próprio tempo. Segundo Thompson, a situação é tão perigosa, utilizando sua expressão “detonável”, que a própria noção de política não é mais plausível, pois as pessoas que decidem o acionar de um botão para o lançamento de mísseis nucleares não serão um presidente ou um primeiro ministro, os quais podem estar inacessíveis, mas grupos de técnicos militares que possuem treinamento e racionalidade voltados para a guerra. O autor legitima sua opinião através da seguinte citação:

[...] na crise cubana dos mísseis, os comandantes navais norte-americanos se envolveram na tática excessivamente arriscada de forçar à superfície os submarinos soviéticos, em conformidade com procedimentos operacionais padronizados para uma emergência vermelha, e sem o conhecimento do presidente dos Estados Unidos. (THOMPSON, 1985, p. 25)

Portanto, acredita que a tecnologia militar de gatilho sensível aniquila o próprio momento da “política”. Um sistema exterminista confronta o outro, e a ação seguirá a lógica da maior vantagem, dentro dos parâmetros do exterminismo (Ibidem, p. 25 – 26). O autor demonstra toda a sua preocupação com os indivíduos que ocupam cargos estratégicos de defesa, já que a vida de milhões está em suas mãos, e eles não possuem o treinamento necessário para refletir e optar pela escolha mais sensata.

Ao fazer uma reflexão sobre a relação, nada amistosa, entre EUA e URSS, Hobsbawm (1998), em “O que a história tem a dizer-nos sobre a sociedade contemporânea?”⁶ apresenta outra visão dos fatos:

⁶ Capítulo foi originalmente apresentado como conferência na Universidade da Califórnia, Davis, por ocasião de seu septuagésimo quinto aniversário, em 1984.

Durante a Guerra Fria houve um momento em que os instrumentos sensíveis do governo dos EUA registraram o que parecia ser o lançamento de mísseis nucleares russos na direção da América. Certamente algum general se preparou para a ação imediata, enquanto esperava que outros instrumentos sensíveis automaticamente examinassem essas leituras, na velocidade da luz, para verificar se houve falha de funcionamento, ou se alguns sinais inofensivos tinham sido mal interpretados – de fato, se a Terceira Guerra Mundial tinha começado ou não. Concluíram que estava tudo bem, pois o processo todo era, inevitavelmente, cego. A própria programação tinha que se basear na suposição de que o pior poderia acontecer a qualquer momento, pois, se acontecesse, praticamente não haveria tempo para contra-ataques. Mas, independente do que diziam os instrumentos, o certo é que, em junho de 1980, quando esse incidente aconteceu, ninguém apertou deliberadamente o botão nuclear. A situação simplesmente não era para isso. Eu – e espero que todos nós – teria feito essa avaliação, não por alguma razão teórica, pois um ataque surpresa não era teoricamente inconcebível, mas simplesmente porque, ao contrário dos outros instrumentos, o computador em nossas cabeças tem, ou pode ter, experiência histórica embutida. (HOBBSAWM, 1998, p. 40 - 41)

Então, de acordo com esse autor, por mais delicada que fosse a relação entre EUA e URSS, o gatilho não era tão sensível como propõe Thompson. Hobsbawm (1985) sustenta que o confronto real entre as duas superpotências era praticamente impossível.

As previsões acerca do futuro da humanidade são constantes nas notas de Thompson, e todas levam à destruição da civilização ocidental. Segundo o mesmo autor, “Um impulso acelerado levou as superpotências a um rumo de colisão, e é de se esperá-la dentro dos próximos 20 anos” (THOMPSON, 1985, p. 49), chegando a evidenciar que a hecatombe nuclear povoava o imaginário dos sujeitos da década de 80:

Muitos milênios depois, arqueólogos visitantes de outro planeta escavarão entre os resquícios ainda radioativos e discutirão a função do grande templo [Projeto faraônico das instalações dos mísseis MX]. A discussão será inútil. Pois o templo será levantado para celebrar a disfunção final da humanidade: a autodestruição. (Ibidem, p. 33)

Hobsbawm, em seu artigo “História e previsão do futuro”⁷, novamente, apresenta uma série de argumentos contrários aos de Thompson em suas notas sobre o exterminismo. Primeiramente, Hobsbawm defende a ideia de que os historiadores devem ter algo a dizer sobre o futuro, porém “trata-se de uma atividade arriscada, muitas vezes decepcionante, mas, também, uma atividade necessária” (1998, p. 49). Nesse sentido, de acordo com o autor, a história “não pode nos dizer o que acontecerá, apenas quais problemas teremos que resolver” (HOBBSAWM, 1998, p. 47).

⁷ Ensaio apresentado na *London School of Economics*, na primeira *David Glass Memorial Lecture*, e foi publicado separadamente pela LSE e na *New Left Review*, 125(fevereiro de 1981), p. 3-19.

Diferente de Thompson, Hobsbawm argumenta que:

O único resultado que uma corrida de cavalos que os historiadores podem nos contar com absoluta confiança é o de uma páreo que já foi ocorrido. Menor ainda é a possibilidade de descobrirem ou inventarem legitimações para nossas esperanças – ou receios - quanto ao destino humano. (Ibidem, p. 42 - 43)

Além disso, o autor refere que podemos saber o que é provável que aconteça, mas não quando. Ele defende que, durante a década de 1840, com base nas suas dimensões e recursos, foi possível prever que EUA e URSS se tornariam grandes potências, mas somente um tolo fixaria uma data exata (Ibidem, p. 61).

De acordo com o autor, “No ocidente, uma economia de guerra baseada em ciência intensiva produz não só sistemas de armamentos, como também inflação, desemprego e deterioração dos serviços” (THOMPSON, 1985, p. 49). Logo, toda a população inglesa presencia e é influenciada pela economia bélica e, como já mencionamos, seja a produção intelectual, seja a cultural, advinda muitas vezes do entretenimento, não ficaria longe dessas questões. Tudo isso foi capaz de criar um contexto, um pano de fundo interessante para a produção de quadrinhos do período.

Thompson prevê detalhes de sua distopia, como podemos observar no seguinte trecho:

Os sobreviventes (pode-se supor) estariam então expostos a ondas de peste e fome; as grandes cidades ficariam abandonadas aos ratos e aos seus mutantes genéticos. As pessoas se dispersariam por terras não-contaminadas, tentando reinventar uma esparsa economia de subsistência, levando consigo uma pesada herança de dados genéticos. Haveria banditismo: fazendas fortificadas, mosteiros fortificados, comunas fortificadas, além de uma proliferação de estranhos cultos. Finalmente, poderia haver o ressurgimento de pequenas cidades-Estado, levando a um novo comércio e a novas guerras. Ou esse esboço poderia estar totalmente errado. As economias avançadas sobreviveriam, relativamente incólumes, no hemisfério sul: a Austrália, a Argentina, a África do Sul. Depois de um certo período para o desaparecimento da peste e do ar fétido, elas poderiam voltar, com seus mosquetes, para colonizar as tribos européias: talvez lutando pelos espólios, talvez estabelecendo o domínio mundial de uma superpotência.[...]Não quero me referir ao extermínio de toda a vida. Refiro-me apenas ao extermínio de nossa civilização (THOMPSON, 1985, p. 53-54).

Enfim, Thompson mostra-se profundamente engajado na causa pacifista, ultrapassando os limites da própria produção. Certamente, seu objetivo era tornar evidente uma preocupação com uma possível guerra nuclear, utilizando sua abrangência enquanto historiador e cientista social. Por conseguinte, suas obras possuíam cunho mais político que acadêmico, o que pode ser comprovado a partir da reflexão, “Na sombra ameaçadora da crise

exterminista, a consciência européia está alerta e surge um momento oportuno. Essas notas são toscas, e os leitores desejarão alterá-las. Peço-lhes também que ajam” (Ibidem, p. 57).

V for Vendetta:

Na narrativa de *V for Vendetta*, a história ficcional começa no ano de 1997. Os autores trabalham com o conceito de distopia, no qual, após uma terceira guerra mundial com ampla utilização de armas nucleares, a Inglaterra, pano de fundo de toda a narrativa, está sendo controlada por um regime fascista, que acabou com os direitos civis, perseguiu as minorias raciais e sexuais, impôs a censura e reagiu, ferrenhamente, contra qualquer tentativa de questionamento de seus atos. Além disso, criou campos de concentração e implantou forças policiais extremamente violentas. Destacamos que uma característica sempre presente na obra é o controle da população através da tecnologia, no caso, as câmeras de vídeo.

Como já mencionamos toda a produção acadêmica e cultural foi fortemente influenciada pelo clima apocalíptico do período. Nesse sentido, a figura abaixo apresenta a forma como Moore e Lloyd conceberam o futuro de Londres pós-terceira guerra mundial, em que a personagem Evey Hammond, narra as condições de Londres e seus arredores:

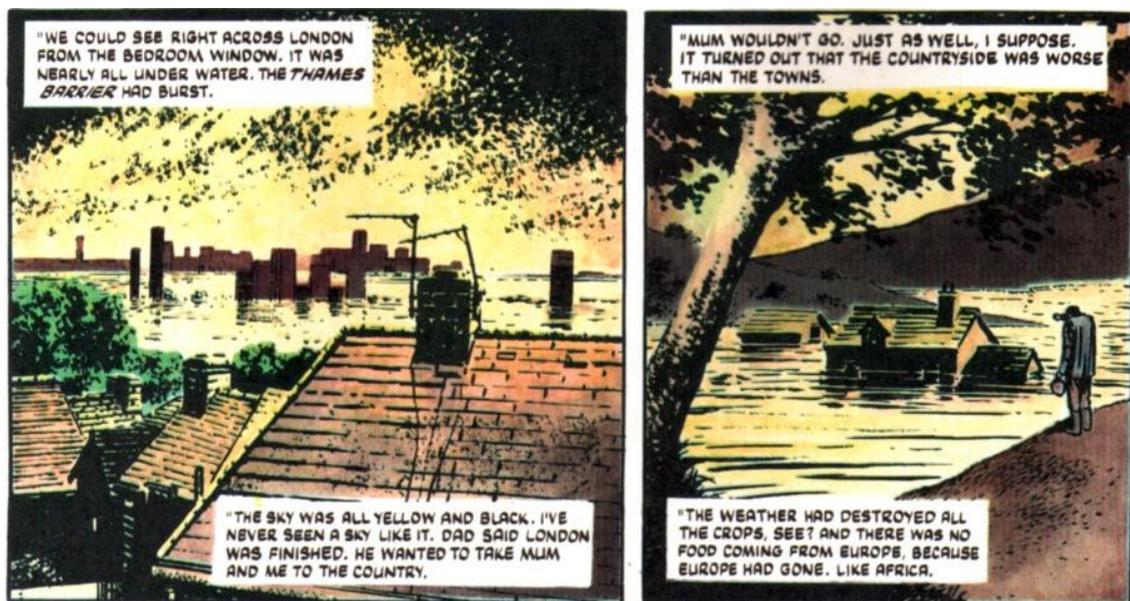


Figura 02 – Destruição – Fonte: *V for Vendetta* edição 01, p. 22

We could see right Across London from the bedroom window. It was Nearly all under water. The thames Barrier had burst./ The sky was all yellow and black. I've never seen sky like it. Dad said London was finished. He wanted to take mum and me to the country./ Mum wouldn't go. Just as well, I suppose. It turned out that the countryside was worse than the towns./ The

weather had destroyed all the crops, see? And there was no food coming from Europe, because Europe had gone. Like Africa.⁸

Os dois enquadramentos acima apresentam o caos concebido pelos autores. Londres se encontra tomada pelas águas do rio *Thames*, o céu apresenta uma tonalidade amarelada, o que pode representar podridão, o campo e as plantações se encontram destruídos, reparem no indivíduo ao canto direito do segundo enquadramento, sua posição de tristeza e perda é evidente. Além disso, a Europa e a África haviam sumido completamente.

Podemos considerar esse tipo de produção como expressão do *Zeitgeist* (“espírito da época”), ou uma visão de mundo, em que as formas simbólicas regem o funcionamento da sociedade numa determinada época? De acordo com Meneses, não devemos homogeneizar esse tipo de questão, pois dificilmente as imagens selecionadas poderiam dar conta da(s) iconosfera(s) de sociedades complexas e do que elas podem revelar (MENESES, 2005, p. 01). Nesse sentido, “devemos examinar as fontes visuais (e outras, é claro) mais do que como documentos, como ingredientes do próprio jogo social, na sua complexidade e heterogeneidade” (ibidem, p. 04).

Os autores também direcionam suas críticas ao desemprego, como podemos observar no seguinte recorte:



Figura 03. – Evey – Fonte: *V for Vendetta* - edição 01, p. 03

⁸ Nós podíamos ver Londres através da janela do quarto. Quase tudo estava debaixo d'água. A represa Thames havia estourado. / O céu estava todo amarelo e preto. Eu nunca tinha visto nada igual. Papai disse que Londres estava acabada. Ele queria levar mamãe e eu para o campo. / Mamãe não quis ir. Ainda bem, eu suponho. Descobriu-se que o campo estava pior do que as cidades. / O tempo destruiu todas as plantações. E não vinha mais comida da Europa, porque a Europa tinha sumido. Como a África. (Traduções do autor)

Parliament's cold shadow falls on Westminster Bridge, and she shiver. There was power here once, power that decided the destiny of millions/ Her transactions, her decisions, are insignificant. They affect no one.../ Mister? / Except Her./ ...Uh... Would. Would you like to sleep with me or anything?/ I mean... for money?⁹

Os enquadramentos acima apresentam a co-protagonista, Evey Hammond, uma operária que, devido à baixa remuneração, busca uma segunda fonte de renda na prostituição. Logo, temos indícios de dificuldades enfrentadas pelo setor trabalhador inglês na década de 1980. Igualmente, reparem que toda a narrativa é sombria, com tonalidades fortes puxadas ao preto e cinza, provavelmente, com intuito de enfatizar o perigoso rumo que a sociedade britânica estava tomando, segundo a opinião dos idealizadores da obra.

Considerações finais

A percepção de diferentes opiniões sobre a situação e reverberação de uma corrida armamentista não retira a evidência de que o foco das discussões não é meramente um pretexto, mas sim uma preocupação cotidiana que torna claro o espírito de uma época. Eric Hobsbawm mostra-se cético em relação ao momento de crise que ambos estavam vivenciando. Em seus textos, temos uma postura contrária aos acadêmicos que tentam prever o futuro. Nesse sentido, temos duas visões opostas sobre a situação das relações internacionais entre EUA e URSS, porém igualmente ricas, podendo ainda gerar grandes debates.

Portanto, observa-se que é a partir da reflexão intelectual de ambos os autores ingleses, que as interpretações sobre os anos 80 assumem diferentes matizes, embora o foco da discussão permeie uma motivação para a solução de um problema iminente. Assim, vemos que, por mais diferentes que sejam as tomadas de posições ideológicas sobre o fator advindo a partir da política e do mundo bipolar, e de sua consequência direta, a Guerra Fria, o ambiente que está gestando o confronto é uma realidade cotidiana para toda a sociedade, refletida aqui na produção intelectual dos autores.

E, como foi possível concluir, ao confrontar a produção de Hobsbawm com a de Thompson, vimos que o discurso apocalíptico não representa a única visão a respeito da década de 1980, mas pode ser considerado um sentimento significativo de uma parcela da população. Na mesma direção, nas posições dos autores de *V for Vendetta*, Moore e Lloyd - o

⁹ A sombra fria do parlamento cai sobre a ponte Westminster, ela está tremendo. Houve poder aqui, certa vez. E decidia o destino de milhões./ As decisões dessa garota são insignificantes, não afetam ninguém.../ Senhor? / Exceto ela./ ...Ah... O senhor gostaria de se deitar comigo? Quer dizer... Por dinheiro?(tradução do autor)

primeiro, anarquista e o segundo, liberal, mas simpatizante de ideologias de esquerda - também buscam alertar a população inglesa tanto através da narrativa, quanto na passagem ilustrada de *Watchmen* (fig. 01). Toda a atmosfera de insegurança e pessimismo pode ser encontrada nas notas de Thompson e nas páginas de *V for Vendetta*, então o engajamento político em prol paz se torna evidente em ambos os casos.

Referências bibliográficas

- BOOKER, M. KEITH (org.) *Encyclopedia of Comic Books and Graphic Novels* Vol. 01. Greenwood. 2010. p. 285)
- BARROS, Edgar Luiz de. *A Guerra Fria*. 3 ed. São Paulo: Atual; Campinas: Unicamp, 1985.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*, Martins Fontes, São Paulo. 2001.
- HOBBSAWM, Eric. *O novo século: Entrevista a Antonio Polito*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 78.
- _____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Era dos extremos: breve histórico do século XX-1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras; 2010.
- MENESES, Ulpiano. *Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares*. *Revista Brasileira de História*, vol. 23, nº 45. 2003.
- _____. *Rumo a uma História Visual – Ulpiano Menezes Departamento de História – FFLCH/USP. Versão 2 (14.06.05)*. 2005
- RODRIGUES, M. *Representações políticas da Guerra Fria: as histórias em quadrinhos de Alan Moore na década de 1980*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.
- THOMPSON, E. *Exterminismo e Guerra Fria: O estágio final da civilização*. In: Edward Thompson et al. *Exterminismo e Guerra Fria*. São Paulo: Brasiliense, p. 15-57, 1985.
- VIZENTINI, Paulo F. *A Guerra Fria: O desafio Socialista à Ordem Americana*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.
- _____. *Da Guerra Fria à Crise: Relações internacionais do Século 20*(terceira parte). 3º Edição. Porto Alegre. Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- KRAKHECKE, Carlos André. IN *TESIS: Representações da Guerra Fria na História em Quadrinhos Batman - O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)*. Porto Alegre: PUCRS, 2009. Disponível em http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2278
- WHITE, Hayden. *Teoria Literária e Escrita da História*. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1991, p. 21-48.
- _____. *The Modernist Event*. In: *Figural Realism. Studies in the Mimesis Effect*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1999. P. 66-86.

Fontes

- MOORE, Alan; LLOYD, David. *V de Vingança*. Panini Comics, Edição Especial, 2006.
- _____. *V for Vendetta (I - X)*. DC Comics, 1988.
- MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. *Watchmen*. New York: DC Comics, 2005.